I CONVERSAS DA KATA
Departamento de Antropologia
Universidade de Brasília

Brasília, 2 de abril de 2013

Com que direito? Um depoimento sobre estudantes, temas e orientadores na antropologia

Mariza Peirano

Na antropologia, uma relação *feliz* entre estudantes, temas e orientadores reside na afinidade indispensável entre aluno e professor, não apenas de personalidade, mas de três aspectos sem os quais não se dá o necessário diálogo respeitoso e frutífero: i. um horizonte teórico e analítico comum ou compatível, ii. a concepção de que etnografia não é método, e iii. a noção do que seja uma construção monográfica. Isto é, a afinidade teórica e analítica é mais importante do que uma mesma temática.

I

Pensando sobre o que teria levado vocês a me incluir nesta mesa sobre estudantes, temas e orientadores, concluí que, estudante, nunca deixei de sê-lo no meu "tempo emocional"; temas, enfrentei alguns; orientadores, a eles volto constantemente, inclusive para homenageá-los.

Mas eu mesma orientei pouco, mestrandos e doutorandos, mas tive a sorte grande de ter tido excelentes orientandos. Preferi a qualidade à quantidade. Falo dos orientandos diretos. Entre os indiretos, incluo os que me chamaram para participar em suas bancas, por sentirem alguma afinidade depois de fazerem comigo cursos de teoria ou cursos analíticos.

(Mais recentemente, descobri que, como pessoas e ideias viajam juntas, tive a surpresa de encontrar uma "neta intelectual" na Argentina. Hoje, Silvina Smietnansky é pós-doc no DAN, depois de se doutorar com minha ex-aluna Roxana Boixadós, de um curso em que era mestranda no Museu em 1993.)

Talvez vocês tenham me convidado não pelo número de teses orientadas, mas pela importância que dou, e sempre dei, a estudantes, temas e orientação.

II

Relembro que a orientação em antropologia foi objeto de uma mesa redonda na V RAM em 2004, mesa organizada por Gilberto Velho, e também com a participação de Parry Scott, aqui presente. Naquele evento, chamei a atenção para o fato de que a orientação de um aluno é parte fundamental do processo mais amplo pelo qual a antropologia se reproduz, tem continuidade e se expande. É um dos momentos centrais da "teoria vivida". Como somos elos de uma sequência de gerações, a orientação é um momento único de cumplicidade intelectual.

Também me detive no fato de que não há critérios para definir a orientação – como tudo na antropologia, aliás, a orientação é um trabalho artesanal, em que estão envolvidas personalidades do professor e do estudante, bagagem teórica, além do respeito, da delicadeza e da firmeza da parte do orientador nesta relação não igualitária. Refleti também sobre o fato de que a orientação cria vínculos que não têm fim, para o bem ou para o mal. Isto é, trata-se de uma relação que permanece ao longo da vida, tanto intelectual quanto pessoalmente. Se o novo antropólogo entende que sua independência se afirma melhor "à sombra das linhagens" (para usar uma expressão de Jack Goody), a relação é prazerosa e complementar, muitas vezes revertendo as posições; mas se as ambições individualistas exigem uma negação de vínculos passados, aí a ruptura é inevitável.

Chego, então, ao tema dos "temas".

Orientei alunos em temas tão diferentes, e aparentemente desconectados um dos outros, como música e músicos no Rio de Janeiro (Wilson Trajano Filho), uma etnografia da embaixada da Tailândia em Brasília (Marcel Taminato), festas na política de Buritis e a Marcha Nacional dos Sem Terra (Christine de Alencar Chaves), o papel da ONU na construção do Estado em Timor-Leste (Kelly Cristiane da Silva), o espetáculo do Boi-Bumbá (José Maria da Silva), interpretações sobre a pobreza no Brasil (Maia Sprandel), lugares-eventos da política no Recanto das Emas (Antonádia Borges), a etnografia das cassações parlamentares (Carla Teixeira), a antropografia da violência em uma região da Colômbia (Silvia Monroy).

E me pergunto: com que direito orientei teses e dissertações em temas tão diferentes? E por que nunca o fiz em temas ligados à minha própria tese de doutorado?

Primeiro, minha tese de doutorado: desestimulei quem quisesse fazer algo semelhante, ou uma tese baseada em literatura antropológica. Eu havia realizado

uma “antropologia da antropologia” porque *precisava fazer.* Doutorei-me fora do Brasil e, para voltar, precisa me sentir legítima e orientada no mundo em que desenvolveria minha carreira. A tese foi esta preparação para a volta. (Além do mais, é um desperdício não fazer etnografia entre desconhecidos – eu já tinha cumprido isto no mestrado com uma tese sobre tabus alimentares em uma comunidade de pescadores no Ceará.)

Segundo, diferente da sociologia, por exemplo, onde comumente um aluno entra para fazer parte de um projeto de pesquisa pré-definido, na antropologia o tema, no meu entender, tem que falar à alma, ao coração, à mente e ao estômago do pesquisador que sofre o impacto de novas perguntas e temas desafiadores. O tema de tese tem que nascer de dentro para fora, e de fora para dentro. (Sei que esta não é uma atitude “econômica”, mas é a ideal e, muitas vezes, o ideal tem que ser encontrado no possível.)

Terceiro, para um orientador desenvolver um bom diálogo com um orientando, é preciso (além do bom senso indispensável) um horizonte comum. Isto não significa que orientador e orientando precisam partilhar uma mesma linhagem, também não significa que devem ter os meus autores mestres, nem que conheçam a mesma área cultural ou geográfica. A tese, como construção monográfica, sustentar-se, porque ambos sabem, professor e estudante, que não estão “descrevendo uma realidade”. Estão, sim, construindo um relato que, em termos analíticos, fazem um todo, têm sentido; este relato contesta, discute, amplia, revisita e/ou expande trabalhos contemporâneos ou de antecessores – um texto menos, ou mais, feliz, como idealmente foram as hoje consideradas monografias clássicas. Como confessou Edmund Leach, ele se vangloriava de se satisfazer quando obtinha uma relativa coerência, quando conseguia juntar as peças de um quebra-cabeças: “Quando as peças combinam, eu me interesso” (“Nascimento virgem”, 1966).

Talvez por esta razão, por não sentir que teria competência para juntar as peças de uma etnografia na Tailândia, sugeri ao estudante buscar orientação onde pudesse partilhar sua pesquisa com antropólogos com semelhante orientação teórica e que fossem conhecedores do sudeste asiático. Mas me senti à vontade para orientar a tese sobre a ONU no Timor Leste por meio dos rituais de formação de quadros do Estadoe, depois de convencida, sobre uma antropografia da violência na Colômbia – o tema violência surgiria de dados cotidianos visto de uma perspectiva “antropográfica”. Eu poderia *ajudar* a combinar as peças do quebra-cabeças, embora, para tanto fosse necessário ter *muitas peças* para que eu própria desenvolvesse estranhamentos – em relação à minha experiência de vida e à experiência etnográfica que possuo. (Possivelmente foi esta a mesma razão que Stanley Tambiah aceitou fazer parte do meu comitê de tese de doutorado sem

conhecer o Brasil, nem a antropologia que aqui se fazia. Sua condição foi ler o primeiro capítulo para então dar sua resposta positiva.)

III

Hoje entendo melhor esta imposição, porque o fato comum entre todos os temas que orientei pode se expressar na presença indispensável de uma afinidade entre orientador e orientando, não apenas de personalidade – que, sem dúvida, é importante –, mas também em três aspectos sem os quais uma comunicação intelectual, um diálogo respeitoso pode se dar: um horizonte teórico e analítico compatível, a concepção de que etnografia não é apenas método, uma noção de construção monográfica.

Na prática, isto tudo pode ser adquirido com uma boa formação por meio de leituras e discussões sobre monografias, clássicas ou contemporâneas – é inútil e um desperdício de tempo reinventar a roda constantemente. Sem enquadrá-las em caixas preestabelecidas, os ex-orientandos evitaram classificações essencializadoras; tiveram autonomia e independência; perceberam como a etnografia não é apenas um método", apenas ilustração de teoria alheia, mas foram suficientemente seguros para saber que estavam abrindo novas portas e colocando novas questões.

Teoria e perspectiva analítica compatíveis, uma compreensão afinada sobre os possíveis objetivos da antropologia e seu refinamento teórico; um diálogo respeitoso e capacidade de ouvir e refletir por parte do orientando, assim como consideração aos tempos de cada e seus ritmos particulares pelo orientador, é uma combinação que me parece funcionar.

Obrigada.